

Notas para o estudo de alguns azulejos do distrito de Leiria

atribuídos à fábrica do Juncal (*)

Por

MARIA MADALENA DE CAGIGAL E SILVA
Conservadora dos Palácios e Monumentos Nacionais
da zona de Leiria

Tendo pretendido estudar os azulejos do distrito de Leiria, começámos por tirar indicações a respeito dos azulejos do Juncal, pois uma grande parte dos primeiros está atribuída a esta fábrica e há mesmo uma certa tendência para se julgarem do Juncal os azulejos da região cujos autores e fábricas nos são ainda desconhecidos.

Porque muitas vezes estas atribuições carecem de fundamento seguro, torna-se necessário saber quais são as características dos azulejos pertencentes ao Juncal para depois se poder fazer a separação entre estes e os que devem ser obra de outra fábrica.

Por necessidades profissionais, tínhamos especial interesse em determinar a fábrica dos azulejos da Sala dos Reis do Mosteiro de Alcobaça, atribuídos por vezes ao Juncal ⁽¹⁾ e, por isso, começámos o estudo por estes azulejos e alguns cuja origem se não tem posto em dúvida: os azule-

(*) Aqui deixamos os nossos agradecimentos aos Ex.^{mos} Senhores Dr. João Couto, Dr. Manuel Heleno, Engenheiro João M. dos Santos Simões, Sr. Álvaro de Brito e Dr. Agostinho Tinoco a quem devemos, ou preciosas sugestões, ou facilidades para o nosso estudo, tendo-nos sido fornecidos os clichés pelo Sr. Álvaro de Brito.

⁽¹⁾ Por Gustavo de Matos Sequeira, por exemplo, em «Inventário Artístico de Portugal — Distrito de Leiria» — Academia Nacional de Belas Artes — Lisboa, 1955 — Introdução, pág. XXXVII.

jos da Igreja dos Milagres (assinados por um artista do Juncal e datados) e os azulejos da Igreja de S. Miguel, ou seja, da Igreja Matriz do Juncal.

Estudámos em primeiro lugar as suas características, tendo chegado à conclusão de que, sob muitos aspectos, os azulejos em estudo se aproximam, enquanto que por alguns elementos os azulejos da Sala dos Reis do Mosteiro de Alcobaça se individualizam em relação aos azulejos do Juncal.

Começaremos, portanto, por determinar as características gerais dos azulejos em estudo, para destacarmos depois os elementos que diferenciam os do Mosteiro de Alcobaça.

Trata-se de um grupo de azulejos do século XVIII⁽²⁾ cujos painéis historiados e com inscrições tomam o aspecto de medalhões. Só dois entre eles fogem um pouco a esta regra: «S. Domingos e a Virgem do Rosário» (Fig. 1) e o «Pentecostes» (Fig. 2), pertencentes à Igreja de S. Miguel; mas, se não formam medalhões de um modo tão evidente como os outros painéis, eles destacam-se do fundo por um enquadramento bastante mais aproximado do contorno dos medalhões do que das barras limites da maior parte dos painéis historiados conhecidos. Não nos repugna, por isso, incluí-los no grupo dos azulejos de medallhão.

Em estilo D. João V, procuram, tal como os outros azulejos da sua época, emitir a pintura, usando-se neles em larga escala o azul sobre

(2) Para o nosso artigo, servimo-nos, além do trabalho já citado, de indicações que nos foram dadas pelo Ex.^{mo} Sr. Eng. João M. dos Santos Simões e, da seguinte bibliografia:

- CALADO, RAFAEL BARREIROS — «Juncal (A sua Cerâmica — a sua vida)» — in «União Nacional» — Ano III — N.º 135 e 136 — Leiria, 20 de Março de 1931.
- «Os Artistas (Os Maias)» — in «União Nacional» — Ano III — N.º 135 e 136 — Leiria, 20 de Março de 1931.
- Palestra sobre cerâmica do Juncal realizada no teatro de Leiria cuja cópia nos foi facultada pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Agostinho Tinoco.
- KORRODI, ERNESTO — «Alcobaça» — Monumentos de Portugal, N.º 4 — Porto, 1929.
- MATOS, PEREIRA DE — «Guia do Mosteiro de Alcobaça» — Alcobaça, 1951.
- QUEIROZ, JOSÉ — «Cerâmica Portuguesa» — Lisboa, 1907.
- SANTOS, ARMANDO VIEIRA — «Os Azulejos em Portugal» — in «A Arte Portuguesa — As Artes Decorativas», obra dirigida por João Barreira — 2.º vol. — Lisboa, 1954.
- SARAIVA, JOSÉ — «Leiria» — Monumentos de Portugal, N.º 6 — Porto, 1929.
- SIMÕES, JOÃO M. DOS SANTOS — «Azulejos» (Introdução ao Catálogo) — 6.ª Exposição Temporária — Museu Nacional de Arte Antiga — Lisboa, Março de 1947.
- «Guia de Portugal» — 2.º vol.: Estremadura. Alentejo e Algarve.
- «O Couzeiro ou Memórias do Bispado de Leiria» — 2.ª ed. — Leiria, 1898.

fundo branco de um tom um tanto azulado, aparecendo já uns toques de policromia ainda muito reduzidos nos azulejos de Alcobaça e usados com mais profusão nos azulejos de S. Miguel e dos Milagres. Além do azul e branco, utiliza-se o roxo, o amarelo e o verde que vulgarmente aparecem matizados, com um certo aspecto de mármore nos roxos. O matizado do amarelo é interessante por ser obtido com a cor roxa e outra característica do emprego da cor nos azulejos do Juncal é a acentuação dos contornos das figuras e das flores que se faz nestas, tanto com a sua cor, como com um tom diferente.

Assentam todos estes azulejos em barras de um roxo matizado, intercaladas, por vezes, por pequenos motivos geométricos ou ornatos fitomórficos estilizados.

A separar os painéis, vêm-se azulejos também matizados e outros de motivos geométricos que com os das barras constituem um grupo de azulejos decorativos, de funções secundárias, limitados na Sala dos Reis do Mosteiro de Alcobaça às barras inferiores dos painéis.

Além dos azulejos geométricos e de azulejos fitomórficos estilizados (Figs. 1, 2, 3, 15, 16, etc.), podemos considerar como pertencentes ao grupo de azulejos secundários, ou seja, de funções puramente decorativas e complementares, os que constituem ornatos fitomórficos em grinaldas e concheados (Fig. 3), e as pequenas legendas em cartelas também concheadas (Figs. 3 e 4). É interessante notar uma influência resnascenista de motivos em ovas e uma influência provável dos tecidos, do ornato de fitas, em estreitos frisos dos azulejos geométricos da Igreja do Juncal (Figs. 1 a 10).

Painéis ou medalhões formam o grupo de azulejos principais, notando-se ainda uma distinção, exclusivamente de carácter técnico, entre os azulejos colocados em situação mais importante e os restantes azulejos do mesmo monumento. Os primeiros apresentam sempre um tratamento mais cuidado do que os últimos, como se vê na Igreja de S. Miguel onde os azulejos da capela-mór e os das capelas laterais são de melhor feitura do que os do corpo da Igreja.

As composições destes azulejos principais apresentam-se dentro de enquadramentos que as destacam, as fazem realçar, e tomam vulgarmente o aspecto de medalhões. O medalhão é marcado por um concheado, auxiliado por elementos fitomórficos, algumas vezes por estilizações archi-

tectónicas, rematados superior e inferiormente por cartelas, com ou sem legendas (Figs. 13, 14, 15 e 16), tendo no fecho cabeças de anjo ou simples concheados (Figs. 3 a 12). Superiormente, como nos fechos, mas formando remates laterais ou equilibrando o fecho central, vêm-se grupos de flores. Notam-se perfeitamente nas Figs. 3, 4, 9, 13, 14 e 17.

O tipo de emolduramento a que acabamos de nos referir é o mais vulgar, sobretudo nas composições historiadas, mas em certas inscrições da Igreja dos Milagres o enquadramento é diferente: forma círculos inscritos em motivos geométricos, alguns destes de influência oriental (as escamas), que por sua vez preenchem espaços de formas mais ou menos rectangulares, de limite circular do lado da inscrição.

Como por aqui se vê, existem dois tipos de composição nos azulejos em estudo: as composições historiadas e as inscrições, dividindo-se as primeiras ainda em assuntos religiosos (Vida de Cristo, vida de santos e cenas do Antigo Testamento), e assuntos lendários (a lenda da fundação do Mosteiro de Alcobaca — Figs. 15 e 16) que tomam também um certo carácter religioso.

Nas composições historiadas os primeiros planos são constituídos por elementos figurados (figuras humanas) que se apresentam sobre fundos paisagísticos (na maioria das composições), ou sobre fundos architectónicos completados por cortinados (Figs. 13 e 14). Em pormenor encontram-se também os elementos figurados (humanos e animais) além de elementos fitomórficos e paisagísticos, como sejam, montes, rios, etc.

Em relação aos fundos, podemos fazer uma nova classificação das composições historiadas em cenas de exterior (a maior parte delas) e cenas de interior (Figs. 13 e 14 já citadas).

As da Igreja de S. Miguel do Juncal e alguns pequenos medalhões da Sala dos Reis do Mosteiro de Alcobaca (Fig. 17) apresentam-nos uma só cena, mas os grandes painéis daquela sala (Figs. 15 e 16) dividem-se vulgarmente em duas ou três cenas distinguindo-se as cenas principais das secundárias.

Nota-se, assim, na Fig. 16, por exemplo, do lado esquerdo, S. Bernardo e alguns frades da sua ordem rezando pela vitória dos portugueses; do lado direito, tomada com igual importância, a cena que representa D. Afonso Henriques e os seus companheiros. No centro, sobrevoando um rio e dirigindo-se ao Rei para o assistir, mas já como cena secundária,

S. Bernardo sustentado por dois anjos alados; e ao centro ainda, mas mais à esquerda, numa paisagem, ergue-se o Castelo de Santarém em cujas muralhas se vêem os mouros seus defensores e que está a ser atacado e escalado pelos soldados portugueses. Esta divisão em cenas é acompanhada de legendas elucidativas do assunto tratado.

Assim, acima da cabeça de S. Bernardo, lemos: «*Tam parvitas mea quam reliqui fratres mei, coram Domino provoluti, decertantibus manibus vestris robur, et furtitudinem postulabamus. Ex. adem. Ep. D. Bern. ac Alf. Reg*» Sobre o grupo da direita, está a legenda: «*Credimus per bonas orationes vestras; quia nós vós primó commendavimus, et promisimus, quod fazeremus vobis Monasterium Vestri Ordinis, quod parati sumus, ut faciamus nostris sumptibus. Ex. Ep. Alfonsi Regis ad. D. Bern. apud. Brit. L. 3. C. 20. A cartela superior do emolduramento diz: Deus totius consolationis consolavit vos in tribulatione vestra, et missit consolationem vobis, et genti vestros, dum abstulit opprobrium sarracenorum acervicibus vestris Quod ante quam fieret rescivimus Ex. ead. Ep. D. Bern.*». E a inferior: «*Escala, e toma El Rey D. Affonso Henriques com 250 Portuguezes a Villa de Santarem*».

Há nos painéis de Alcobaça uma muito maior riqueza de composição do que nos azulejos de S. Miguel do Juncal e são extremamente interessantes pelo seu movimento e expressão, pequenos pormenores de anjos alados que em outras composições não fotografadas nos surgem, ou regozijando-se pela vitória dos portugueses, ou ajudando-os no lançamento de pedras para a construção do Mosteiro.

A despeito disto, um certo número de características comuns aproxima os azulejos da Sala dos Reis do Mosteiro de Alcobaça dos azulejos de S. Miguel, como facilmente se nota pela comparação entre as fotografias dos painéis de Alcobaça (Figs. 15 e 16) e as dos azulejos do Juncal apresentados nas Figs. 13 e 14. Não se pode deixar de aceitar pertencerem ao mesmo tipo, o que não quer dizer, nem pretendemos afirmar, que tenham o mesmo fabrico.

Pelo seu exame, somos até levadas a crer com José Queiroz ⁽³⁾ ser outra a sua origem e serem os azulejos do Mosteiro de Alcobaça anteriores

(3) Obra citada, pág. 173.

aos azulejos do Juncal, podendo ter-lhes servido de modelo. Embora pelas características do desenho e tratamento dos motivos, tanto figurados, como fitomórficos, como ainda pelo tratamento das vestes, se pudessem julgar saídos da mesma fábrica, um menor emprego da policromia nos azulejos da Sala dos Reis e o matizado só em azul e diferente do matizado dos azulejos das Igrejas de S. Miguel e dos Milagres, fazem-nos supor os primeiros de origem diversa e mais antigos, podendo deste modo ser verdadeira a tese de José Queiroz. Esperaremos, no entanto, que documentos e novos estudos fundamentem melhor esta opinião para a aceitarmos incondicionalmente.

Isto, pelo que respeita às composições historiadas. Quanto às composições consituídas por inscrições, encontram-se em todos os azulejos da capela-mór da Igreja dos Milagres, contando o milagre que deu lugar à sua fundação, e num medalhão de azulejos da Sala dos Reis do Mosteiro de Alcobaça, sendo nestes últimos a inscrição toda em latim.

Pelo estudo das composições se depreende que os motivos decorativos destes azulejos são figurados (de figura humana e animal), fitomórficos, elementos paisagísticos, arquitectónicos, geométricos, de inscrições e legendas.

A figura humana é profusamente usada, tanto em primeiro plano como em pormenor, aparecendo a animal unicamente nos pormenores e como complemento da composição.

Os motivos fitomórficos ou vegetais vêm-se fazendo parte das composições em árvores, flores, ou apenas como pequenos pormenores em toques ligeiros que servem para decorar e realçar até, certos pormenores dos emolduramentos.

São elementos paisagísticos os montes, os rios, etc., constituindo motivos arquitectónicos as casas, os castelos e as simples colunas que completam, por vezes, as composições (Figs. 13 e 14), ou aparecem nos emolduramentos (Figs. 1 e 2).

Os motivos geométricos são, nos azulejos principais, constituídos por círculos ou arcos de círculo e por ornatos rectangulares.

As inscrições vêm-se, como se disse, cobrindo painéis de azulejos, sendo as legendas apenas complementares das composições, usadas profusamente nos azulejos da Sala dos Reis do Mosteiro de Alcobaça, mas sendo sòmente reservadas às faixas de azulejos secundários que completam

as composições dos painéis do corpo da Igreja de S. Miguel do Juncal, não estando pròpriamente enquadradas nas composições dos azulejos principais, como em Alcobaça, apesar de lhes dizerem respeito e as completarem, como acabamos de observar (Fig. 3).

O tratamento de todos estes motivos decorativos diverge bastante e apresenta-se, como a seguir teremos ocasião de ver, frequentemente defeituoso, de desenho rudimentar. Mas estes painéis de azulejo são de efeito muito agradável, formando conjuntos vistosos, monumentais. Só o seu exame pormenorizado faz ressaltar uma grande quantidade de defeitos e irregularidades de desenho.

Onde este se nos mostra mais irregular, é justamente nas figuras. Nota-se, de facto, um cuidado especial no tratamento das figuras principais, cuidado que nem sempre é coroado de êxito. Nas fisionomias, sobretudo, o desenho falha com facilidade e vemos, por isso, várias figuras tomarem expressões muito boçais, ou serem completamente inexpressivas. Em Alcobaça acontece mesmo a figura do rei e a de S. Bernardo, apesar de ser notório o cuidado do artista convergir para elas, serem inexpressivas e mostrarem-se muito mais interessantes as figuras de cavaleiros e de frades que os acompanham. Os membros são rudimentarmente tratados em algumas figuras da Sala dos Reis, sendo este defeito menos vulgar nas figuras dos azulejos do Juncal. O desenho das vestes é que, talvez por ser mais fácil, é mais perfeito, atingindo vulgarmente um certo barroquismo no seu pregueamento.

Pela maneira como estão tratados, podemos distinguir três grupos nos motivos figurados, caminhando-se da figura cuidada em todos os seus pormenores, mesmo quando não é perfeita, para aquela em que há uma certa despreocupação do artista e desta para o simples esboço das fisionomias e das vestes que apenas são marcadas por contornos e pequenas manchas indicando os olhos, o nariz, e a boca. Enquanto que no primeiro grupo há um certo jogo de claro-escuro para a obtenção de alguns efeitos, nas figuras menos importantes o artista põe por completo de parte esta preocupação, dando-nos, afinal, figuras e pequenos grupos de figuras expressivas e movimentadas, como raramente consegue no primeiro grupo. Acontece isto constantemente nos azulejos do Mosteiro de Alcobaça.

Julgamos poder tomar por modelos de perfeição e de imperfeição de desenho, respectivamente, a figura de Cristo do «Lava-pés» dos azulejos

da Igreja de S. Miguel (Fig. 13) e o guerreiro de um dos pequenos medallhões do Mosteiro de Alcobaça (Fig. 17).

É extraordinária de expressão, de naturalidade e de perfeição de desenho a figura de Cristo que ajoelha lavando os pés de um apóstolo e, em compensação, é absolutamente desproporcionada, contorcida e mal delineada a figura do guerreiro dos azulejos mencionados.

Uma das características do desenho das figuras de todos estes azulejos é a acentuação dos contornos por traços mais fortes, deixando-se estes contornos sugeridos, inacabados, nas figuras dos azulejos não consideradas como as mais importantes. E toda a sua vida e expressão deriva, possivelmente, desta ausência de acabamento.

Todos os outros motivos decorativos, com excepção dos motivos fitomórficos e algumas vezes dos motivos arquitectónicos, vêm-se com um tratamento despreocupado que os deixa relegados para um segundo plano, mas os ornatos fitomórficos mostram-se com um desenho cuidado, de tratamento expressivo que lhes dá vida. Certas árvores, certos vegetais espalhados pelo solo nas composições, são de extrema beleza, sem contudo haver a preocupação de nos dar estes elementos com realidade e desenhados em pormenor. Acontece serem estilizados e, nos emolduramentos, como se viu, os grupos, os raminhos de flores são todos contornados com um traço mais forte, ou de uma cor diferente que destaque cada flor.

Quer dizer, os elementos em que o desenho, o tratamento é mais equilibrado, não se mostrando, ora muito perfeito, ora rudimentar, mas mantendo uma certa igualdade, são constituídos pelo vestuário das figuras e pelos ornatos fitomórficos.

Em Alcobaça o tratamento dos motivos é equilibrado, apresentando mais ou menos idênticos defeitos e qualidades em todos os painéis. Já não acontece o mesmo com os azulejos de S. Miguel do Juncal onde, como acima indicámos, os painéis da capela-mor («Lava-pés» e «Ceia de Cristo» — figs. 13 e 14) e os das capelas laterais («S. Domingos e Nossa Senhora do Rosário» e «Pentecostes» — figs. 1 e 2) são de bastante melhor feitura do que os do corpo da Igreja (figs. 3 a 12).

Examinando de perto estes azulejos, o vidrado parece-nos bom, mas aqui e ali surgem pequenos defeitos. E neste ponto, há muita semelhança entre todos os azulejos em estudo. Não podemos agora dizer se o defeito provém de uma deficiência de feitura, se da qualidade dos produtos

empregados que, mesmo se não considerarmos os azulejos de Alcobaça como pertencentes ao Juncal, podem muito bem ter sido idênticos nestes azulejos, pois é natural terem sido fabricados na mesma região.

Na fábrica do Juncal, segundo nos diz José Queiroz ⁽⁴⁾ a matéria-prima era extraída dos barreiros da Cumeira e tinha como cor primitiva o amarelo claro; depois de cozida, ficava bastante avermelhada, cor devida às partículas ferruginosas da argila.

Ora este material que existia tão perto de Alcobaça, era natural ser também aqui utilizado e assim teria sido empregado nos azulejos do Mosteiro, se o seu fabrico foi este.

Mas, seja qual for a sua origem, por enquanto apenas podemos afirmar de uma maneira segura que eles pertencem ao mesmo tipo que os azulejos do Juncal, tendo sido aqui fabricados, segundo todas as probabilidades, os azulejos da Igreja de S. Miguel, Igreja Matriz do próprio Juncal, e devendo-se a esta fábrica os azulejos da Igreja dos Milagres que vêm assinados por José Rodrigues da Silva e Sousa, artista do Juncal, e datados de 1795.

⁽⁴⁾ Obra citada, pág. 447.



Fig. 1—S. Domingos e N.^a S.^a do Rosário
Igreja de S. Miguel (Juncal)



Fig. 2—O Pentecostes
Igreja de S. Miguel (Juncal)

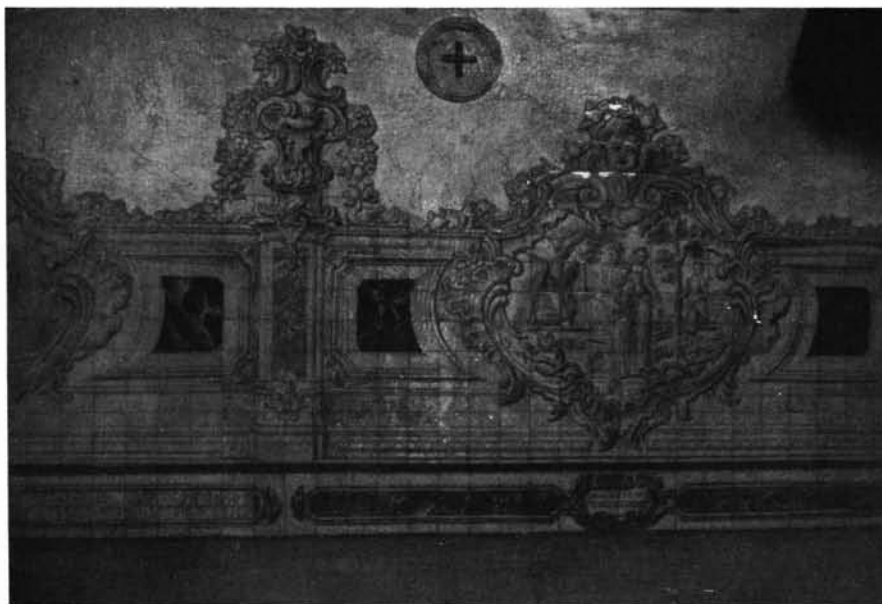


Fig. 3 — Passos do Antigo Testamento
Igreja de S. Miguel (Juncal)

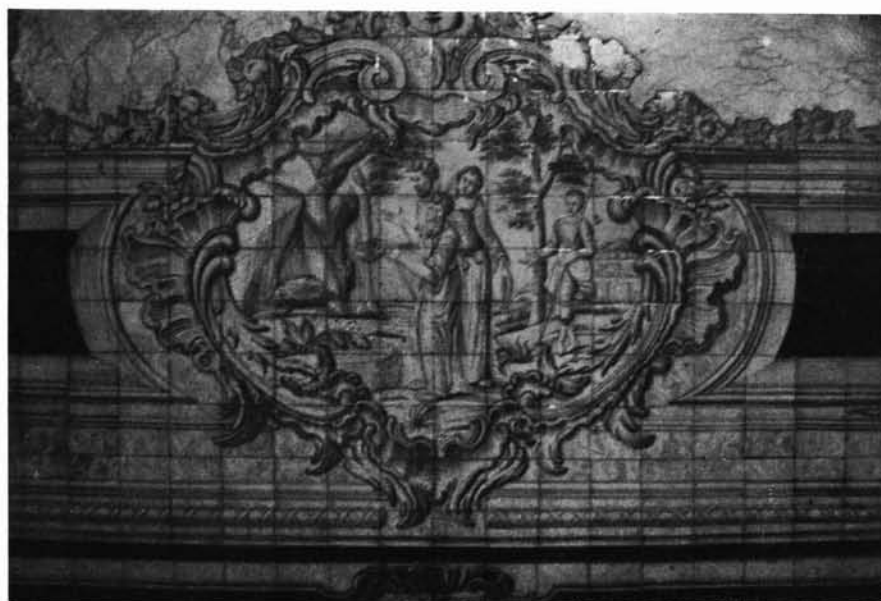


Fig. 4 — Passo do Antigo Testamento
Igreja de S. Miguel (Juncal)



Fig. 5 — Passo do Antigo Testamento
Igreja de S. Miguel (Juncal)

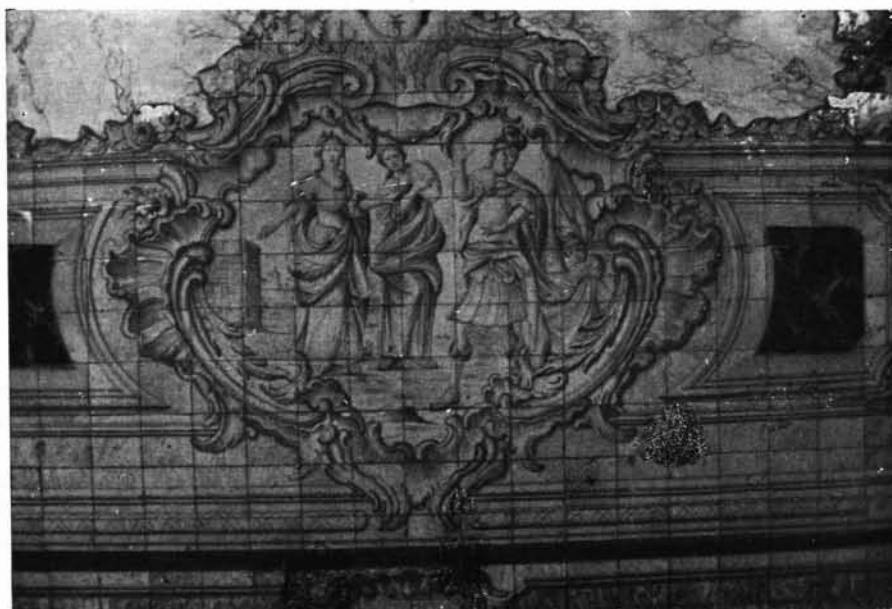


Fig. 6 — Passo do Antigo Testamento
Igreja de S. Miguel (Juncal)



Fig. 7 — Passo do Antigo Testamento
Igreja de S. Miguel (Juncal)

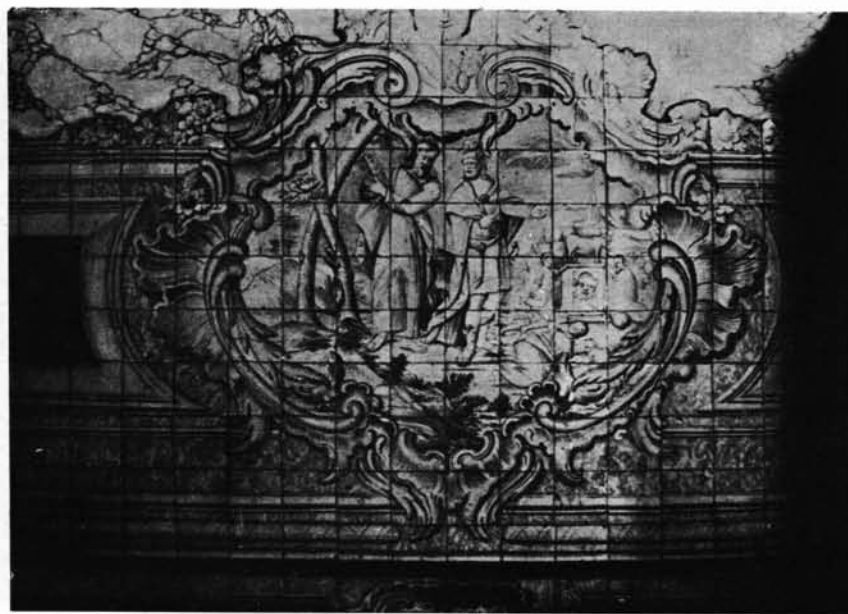


Fig. 8 — Passo do Antigo Testamento
Igreja de S. Miguel (Juncal)

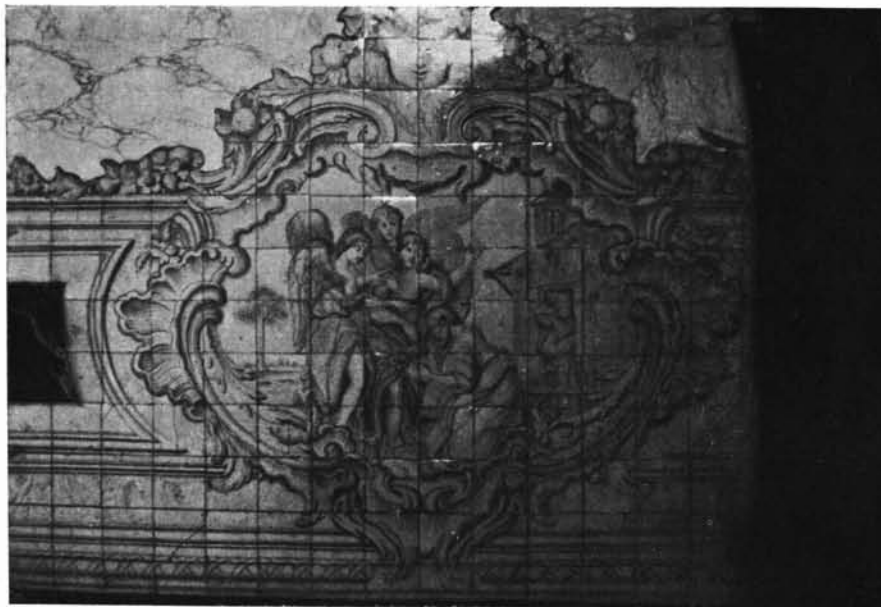


Fig. 9 — Passo do Antigo Testamento
Igreja de S. Miguel (Juncal)

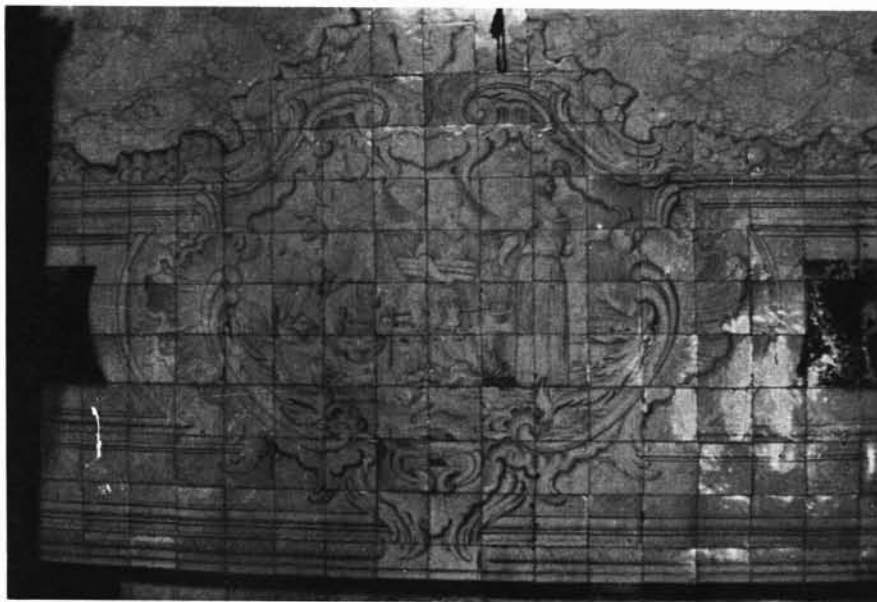


Fig. 10 — Passo do Antigo Testamento
Igreja de S. Miguel (Juncal)



Fig. 11 — Passo do Antigo Testamento
Igreja de S. Miguel (Juncal)

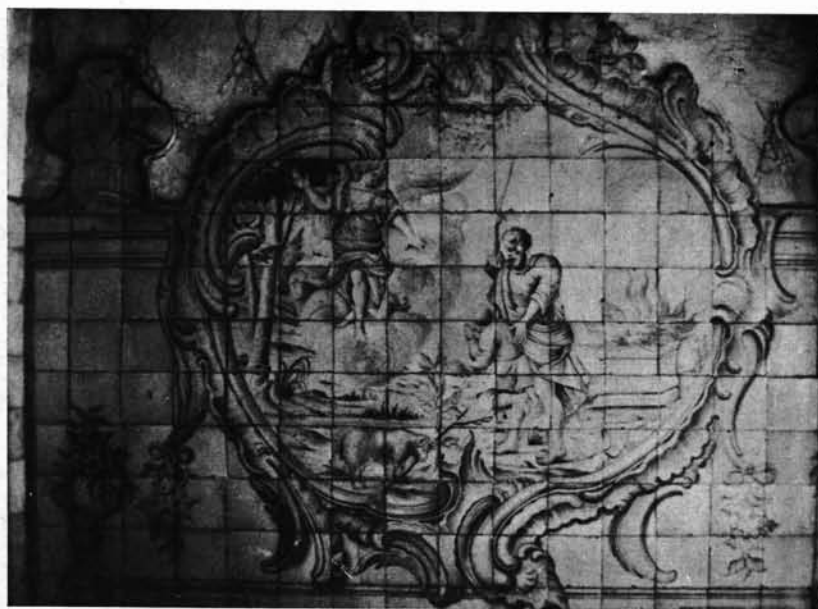


Fig. 12 — Passo do Antigo Testamento
Igreja de S. Miguel (Juncal)



Fig. 13 — Lava-pés
Igreja de S. Miguel (Juncal)

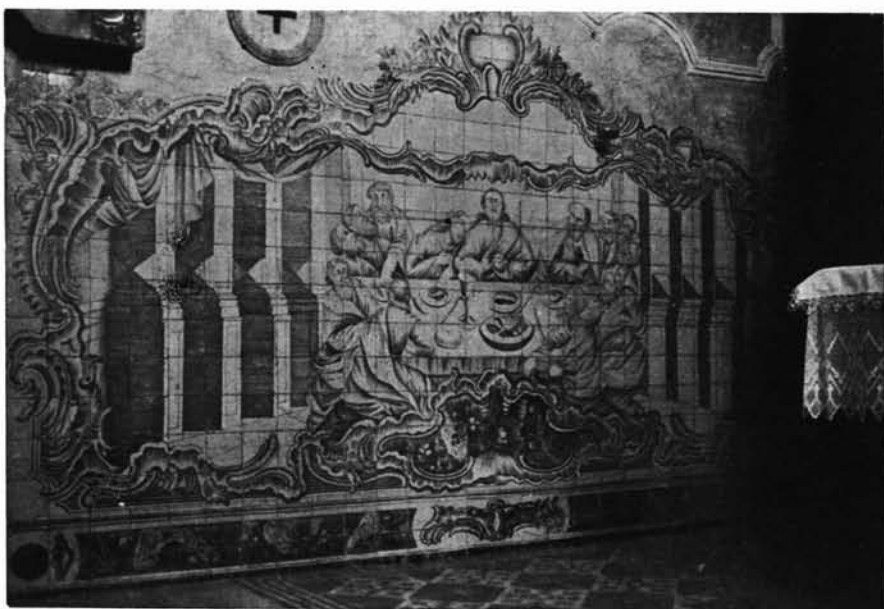


Fig. 14 — Ceia de Cristo
Igreja de S. Miguel (Juncal)

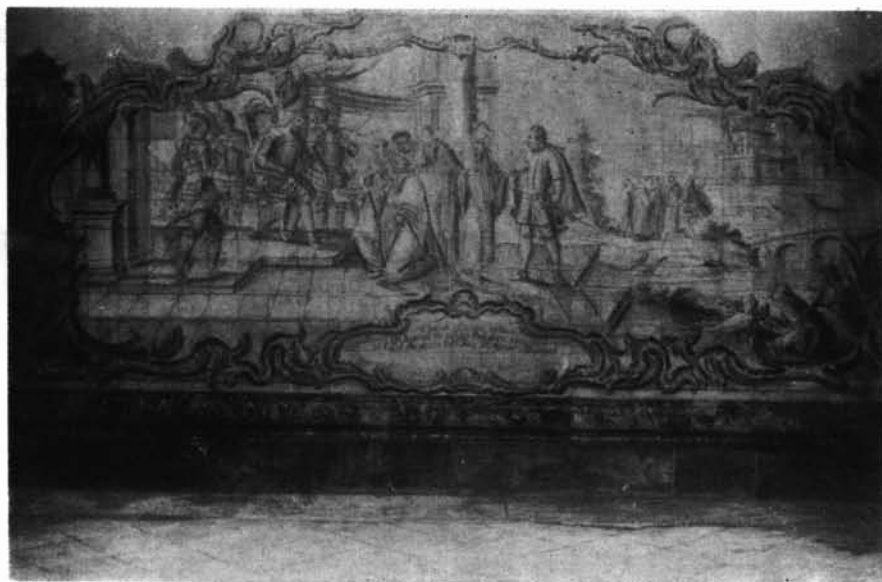


Fig. 15 — Passo da lenda da fundação do Mosteiro
Sala dos Reis do Mosteiro de Alcobaça



Fig. 16 — Passo da lenda da fundação do Mosteiro
Sala dos Reis do Mosteiro de Alcobaça



Fig. 17 — Guerreiro: S. Miguel (?)
Sala dos Reis do Mosteiro de Alcobaça